

Tive quatro amores, mas somente um grande e definitivo...

Estória contada na crônica “Amores e amantes”, que termina com os seguintes parágrafos:

“Meu quarto amor, “foi aquele que ganhou meu coração”, meu corpo, meu tesão, minha razão. Foi o maior, o duradouro, o definitivo. Difícilmente superável por quantos possa ainda vivenciar daqui para frente.

Margarida, a difícil, a persistente, a organizada, a companheira, a camarada, a polêmica, a amiga, a esposa, a mãe de meus filhos. São tantas as qualidades e os defeitos convividos que, tornam-se pequenos os espaços para descrevê-los.

Guardei as lembranças para outro texto, até por que antes de escrever sobre Margarida é melhor viver e amar Margarida. Uma longa história plena de estórias que um dia será dignamente documentada.”

Nesta, Fernando iniciou: Sobre Margarida... Crônica inacabada

Margarida, a difícil, a persistente, a organizada, a companheira, a camarada, a polêmica, a amiga, a esposa, a mãe de meus filhos. São tantas as qualidades e os defeitos convividos que, tornam-se pequenos os espaços para descrevê-los.

Ela não deve se lembrar. Nos conhecemos e já começamos a brigar quando éramos bem criança.

Guardo lá nas mais antigas recordações, um passeio com meu padrinho Euclides que representava em Manaus o vermute Gancia, amigo de seu pai Wilson que era o representante em Belém. Juntos nos levaram para um sítio próximo a Belém. Viajamos numa camionete com a marca do vermute, não sei se Rural - William ou Chevrolet, e já na viagem aquela garotinha de cabelos castanhos, beijuda, implicava comigo por um lugar na janela do carro. Eram duas meninas e dois meninos, ela do meu tope e sua irmã mais velha. Os irmãos menores. Meu padrinho havia me presenteado com uma bola grande e colorida que facilitava para nós flutuarmos nas águas de um igarapé. Aquela garotinha mimada ficava o tempo todo com a bola e eu chorando. Na volta do passeio, eu levei a bola e ela chorando. Devíamos ter 6 ou 7 anos.

Tinha 9 ou 10 anos, nos cruzamos novamente na “cruzadinha” da Sé, levado pelos primos Pedro e João Bastos. Ela pré-apóstolo, eu simpatizante, ela apóstolo e eu nunca lá cheguei. Continuava com o beijão e os cabelos cacheados. Atrevida e dona do pedaço. Sua tia assistente e toda a família participante. Já a minha, mais leiga do que clerical.

Nessa época dois fatos marcaram minha relação com Margarida.

Quando participávamos de uma representação religiosa, ela uma das três mulheres que acompanharam Jesus no Calvário, sua irmã era Maria e eu um dos ouvintes, que comentava algumas passagens. Quando vestíamos as roupas para a peça, as mulheres numa sala e os homens em outra, eis que surge Margarida só de calcinha na sala dos homens procurando por uma roupa. Desnuda, ainda despeitada, mas com seus cabelos cacheados. Nem sei se me notava, mas eu a notei, pois olhava principalmente para sua calcinha branca para ver se tinha cabelos púbicos, pois os meus começavam a brotar, e brotou ali uma das minhas primeiras ereções.

O segundo encerrou minha carreira de cruzadista. Estávamos todos reunidos para tirar uma foto em frente a um monumento gradeado de um dos famosos bispos Romualdos que teve o Pará, não sei o de Seixas ou o Coelho. A primeira foto todo mundo junto, a segunda só os homens, e a terceira seriam só as mulheres. Margarida tentou ficar com os homens e foi repreendida verbalmente por uma bigoduda e balofa tia assistente e saiu chorando. Me identifiquei logo com aquele choro, pois achava que não merecia uma repreensão na frente de todo mundo. O pior estava para vir, quando os homens iam sair para a vez das mulheres, meu sapato atrelou-se nas grades e eu não conseguia me desvencilhar. Quando tentava me livrar recebi um poderoso puxão de orelha da tal bigoduda, balofa e agora, com certeza, solteirona frustrada e mal

amada. Caí, torci o tornozelo e fui socorrido por uma velhinha bondosa, já de cabelos brancos, Nonoca, tia de Margarida, que me carregou para um banco da praça e massageou meu pé. “Não chora menino, a tia é mesmo estúpida e frustrada,, Não viu o que ela fez comigo?” Era a voz da sobrinha de Nonoca, a garotinha de cabelos cacheados e calcinhas brancas. Engolindo as lágrimas e contendo o choro, senti uma afeição por aquela que comigo se identificara.

Nunca mais voltei para a “cruzadinha”, ficando só como coroinha ajudando Monsenhor Zé Maria nas missas, casamentos e enterros. Com batinas e paramentos vistosos, o coroinha olhava para a menina de cabelos cacheados, mas ela nem o notava.

Foi nos 15 anos de Margarida (22.02.1960), que voltamos a nos encontrar.

Fim de festa, a casa ainda iluminada e restos dos festejos pelo chão. Fui com um irmão, buscar Mãe Sancha, uma das minhas mães-preta, famosa cozinheira em Belém, contratada para preparar os quitutes da festa. A casa era tipicamente portuguesa com corredor, varanda e alcova. Seus fundos eu adivinhava, pois morava numa semelhante, vários quartos, a sala de jantar e a cozinha. Teria quintal como a nossa? Nem foi preciso tocar a campainha. A porta estava aberta, alguns jovens engravatados, a quem anunciamos a finalidade de nossa ida até ali. Vi então Margarida, com um vestido longo, cabelos maiores, mas ainda cacheados, boca pintada, convidando-nos para entrar. A vontade de aceitar era grande, mas a situação exigia que declinássemos o convite. Ela e os pais dela agradeceram a Mãe Sancha, e eu agradei o convite, sem deixar de notar que a garotinha desabrochara...

Nas festas juninas de 1962, começamos a namorar...

O primeiro sexo...

O casamento...

A formação universitária...

O ativista político...

O militante revolucionário...

A vida clandestina e cristalina...

O porquê dessas explicações...

“Mãe Margarida,

Que foi Guida ao se casar

Maria no campo ao se integrar

Maria Rocha no Recife ao ensinar

Mamãe para o filho (Raul) não a identificar

Voltou a ser a Guida ao se libertar

E continua a ser a sempre Margarida

Como pesquisadora, organizadora,

Educadora, tanto no lar e como Mãe...”